

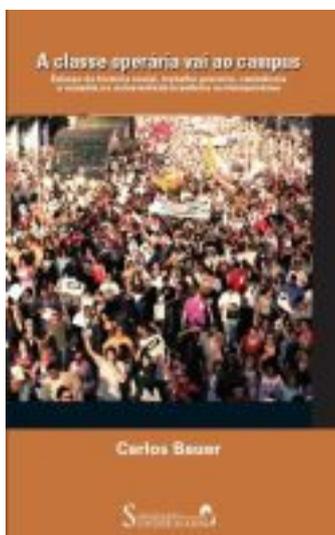
BAUER, Carlos. *A classe operária vai ao campus: esboço de história social, trabalho precário, resistência e ousadia na universidade brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2010.

A universidade e os trabalhadores: a classe operária no ensino superior brasileiro

Cássio Diniz Hiro *

O caráter da universidade brasileira. Um tema que muitas vezes gera opiniões bastantes controversas, isso se nos restringirmos apenas à esfera acadêmica. É nesse caldeirão de idéias em chama que o professor Carlos Bauer mergulha ao escrever o livro *A classe operária vai ao campus*, lançado em 2010 pela editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann.

Bauer, por si só, já carrega nas costas um histórico de engajamento nos movimentos sociais no Brasil nos últimos 34 anos. Primeiramente no movimento estudantil, e posteriormente no sindicalismo docente da rede pública paulista na década de 1980, inclusive participando da formação do PT e da CUT em São Paulo. Posteriormente, já na década de 1990 rompe com esses agrupamentos e ingressa no recém criado Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. Esse histórico de militância acabou construindo dentro de si uma carga teórica e empírica baseando-se nas obras de Marx, Lênin e Trotsky, personagens que dispensam apresentações. Suas influências podem ser notadas em obras anteriores, como *Reflexões sobre o tempo, a história e a*



utopia do cotidiano escolar, lançado em 2005 pela editora Pulsar, e *Introdução crítica ao humanismo dialógico de Paulo Freire*, publicado em 2008 pela Sundermann, e refletem a opinião de Carlos Bauer em relação ao modelo sócio-econômico vigente e seu desejo de transformação. Atualmente ele é professor do programa de pós-graduação (strictu sensu) em educação da Universidade Nove de Julho de São Paulo – UNINOVE/SP

O livro *A classe operária...* suscita uma análise bastante interessante sobre a universidade brasileira atual: o processo de mercantilização da educação e seus efeitos no ensino superior, apontando a crise pelo qual passa na cotidianidade. Mas ao tratar o assunto, o autor não o faz diretamente, mas levanta algumas observações que não podem ser menosprezadas ao pensar o assunto.

Primeiramente ele faz um recorte sobre o descaso do ensino básico brasileiro, dando destaque às condições materiais e políticas da rede pública, apontando o descaso dos governos com relação ao descumprimento de leis, a falta de investimento suficiente, o sucateamento de escolas e demais instituições de

ensino e a precarização do profissional da educação. Todos estes problemas são colocados pelo autor como a principal fonte geradora de uma massa de estudantes que não dominam as qualidades necessárias para a sua atuação na sociedade. Ele aponta também alguns dados alarmantes, como aqueles que informam que apenas 28% da população entre 15 e 64 anos são efetivamente alfabetizados, e que mais de 70 % se enquadram como ágrafos (não capazes de ler ou escrever o mínimo) ou analfabetos funcionais (aqueles que não são capazes de interpretar o que lêem). Isso é alarmante, pois apesar do discurso oficial de que mais pessoas estão tendo acesso ao ensino público, e por consequência, permanecendo na escola no período estipulado, os estudantes não estão absorvendo os conteúdos necessários à sua vida.

Esta realidade da educação básica brasileira torna-se pior, segundo Bauer, pois esses mesmos jovens desejam ingressar na universidade com o objetivo de ascender socialmente, mas que acabam pagando o preço de não possuírem uma carga cultural necessária nos bancos acadêmicos.

Entrando no estudo sobre o ensino superior, o autor faz uma abordagem histórica da universidade brasileira nos últimos 40 anos. Da instituição bancada e organizada pelo poder público para a formação da elite intelectual, econômica e política da nação, a universidade foi se transformando em um nicho de mercado importantíssimo para o capital, na busca de novas fontes de obtenção de lucro. O processo pelo qual isso foi possível começou no período iniciado pelo golpe civil-militar em 1964, mas que ganhou força nos governos pós-redemocratização, principalmente a do

“intelectual” Fernando Henrique Cardoso.

Carlos Bauer aponta neste caso que o governo de FHC foi o principal responsável pela adoção da cartilha neoliberal nas políticas educacionais do setor, quando no período de 1995 a 2002 se registrou a diminuição de instituições de ensino superior público e o aumento vertiginoso das particulares. Essa nova configuração indica números surpreendentes, que apontam que a grande maioria dos estudantes universitários brasileiros se encontra em instituições privadas com fins lucrativos. E são exatamente os estudantes de origem proletária, que até pouco tempo não tinham acesso a esse nível de ensino, que acabam se tornando os principais “consumidores” desta mercadoria.

Diante de tão espantosa expansão do ensino superior privado no país, cresceu também a necessidade de mão-de-obra para suprir as salas de aula. Os professores universitários, antes possuidores do apelo social dado pela exclusividade, vê aumentado sua carga horária, atribuições, obrigações e pressões por produção e resultados. A coisificação de sua pessoa é perturbadora, onde o reconhecimento social e profissional é feito através da produtividade cada vez mais crescente diante da falta de condições mínimas para o trabalho docente, ao mesmo tempo em que ocorre o seu empobrecimento objetivo e subjetivo. O fenômeno da proletarização destes profissionais é bem analisado por Carlos Bauer no capítulo 5 de seu livro, apesar do mesmo destacar que:

[...] o professor universitário faz parte das classes trabalhadoras da população brasileira, com capacidades de obter rendimentos bem acima das médias de outros

extratos dos assalariados nacionais [...]. (BAUER, 2010, p.51)

Vale ressaltar aqui a observação existente no livro sobre a relação existente entre professores e instituições de ensino. No caso das particulares, salvo exceções, o relacionamento é bastante desgastante, de submissão, sofrimento e esvaziadas de propósito, e que não contribuem para o efetivo compromisso acadêmico.

O autor faz também algumas colocações que, na visão de quem escreve, são importantes para não se desiludir. Barrar o processo que leva os docentes universitários para esta realidade torna-se importante neste momento, pois seu ofício, apesar de tudo, continua com responsabilidades éticas, políticas e sociais para com a sociedade. Como primeira tarefa apontada por Bauer, está a busca da identidade social do professor universitário e sua localização no cenário da luta de classes, para que possa superar a falsa consciência que tem de si mesmo e construir sua identidade de classe como combatente das causas sociais (2010, p. 68), sendo necessário para isso o resgate histórico do papel dos docentes na formação acadêmica no Brasil e nas transformações políticas ocorridas na sociedade nos períodos importantes da história do país.

A obra também não se esquece de fazer algumas considerações sobre as instituições de ensino superior, principalmente às particulares, no sentido de que é preciso resgatar e cobrar o conceito acadêmico das

mesmas, dando respaldo à tríade característica do meio: o ensino, a extensão e a pesquisa de qualidade e socialmente comprometida.

Por fim o autor faz uma reflexão histórica geral do século XX no Brasil, e particularmente dos reflexos na educação, inclusive apontando a disputa de projeto nacional após a redemocratização e sua repercussão no ensino superior do país. É importante ressaltar aqui algumas colocações pertinentes aos docentes. O mesmo é um personagem importante, não só na história da educação brasileira, mas também como fomentador do conhecimento necessário que contribuirão para o processo de edificação de uma nova ordem pautado na igualdade social. Como a própria citação adicionada por Bauer no capítulo 4 diz: “a cultura é o instrumento principal da opressão de classe. Mas também pode torna-se um instrumento da emancipação socialista” (TROTSKY, apud BAUER, p. 46).

Como sendo uma obra que busca analisar, e compreender, não só o ensino superior brasileiro, mas também a própria realidade da sociedade capitalista, o livro acaba sendo recomendado para docentes universitários, demais professores da rede pública e privada e estudantes candidatos ao ingresso a esse universo que, apesar de a primeira vista ser bastante desanimador, acaba nos colocando uma nova perspectiva de encarar a profissão e o nosso papel perante a sociedade.



* **CÁSSIO DINIZ HIRO** é Professor de História da rede estadual de Minas Gerais e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - PPGE/UNINOVE-SP. E-mail: cassiodiniz@hotmail.com